

Alegria

EDUARDO MAHON



Editora Sulina



Carlini&Caniato

Na verdade, ao ouvir os gritos de alegria que vinham da cidade, Rieux lembrava-se de que essa alegria estava sempre ameaçada. Porque ele sabia o que essa multidão eufórica ignorava e se pode ler nos livros: o bacilo da peste não morre nem desaparece nunca, pode ficar dezenas de anos adormecido nos móveis e na roupa, espera pacientemente nos quartos, nos porões, nos baús, nos lenços e na papelada. E sabia, também, que viria talvez o dia em que, para desgraça e ensinamento dos homens, a peste acordaria os seus ratos e os mandaria morrer numa cidade feliz.

(Albert Camus – A peste)

Primeira parte



As coisas são como são. E acontecem de formas estranhas. Na maioria das vezes, o acaso não é importante. Tropeçar numa pedra, por exemplo, não tem explicação nos astros. O pé vai de encontro ao objeto e pronto: está aí descrita a topada, o tropeço, o encontro fortuito. As causas conhecidas, os efeitos previsíveis. Tudo resultado da física mais básica. Há quem acredite em horóscopo. Os astros se prestariam a fins insondáveis. Particularmente, acho pouco provável. Explicações como esta fazem com que fatalistas não saiam de casa com medo da pedra, do raio, da tempestade, ou seja lá do que for.

Em todo caso, há uma mania de explicação. O prazer de elucidar algo misterioso, de revelar a mágica, essa vontade mórbida de quebrar o sigilo é algo de patológico na nossa sociedade. Os cientistas dão a última palavra. Esclarecem tudo, tim-tim por tim-tim, minudenciando, escarafunchando as causas de outras causas para, enfim, chegarem a uma conclusão. Trata-se de segurança. O povo quer assim, sentir-se protegido, ainda que não entenda patavina das doses homeopáticas das razões que são veiculadas nas rádios e nos jornais. Aí é que está: o que se faz com as explicações que se dão a torto e a direito? Nada. A vida continua seu

percurso meramente biológico e o mundo boia no imenso vazio sideral. Independe da nossa vontade, com ou sem explicação.

Se não fosse assim, alguém já teria descoberto a razão pela qual a cidade de Alegria passou por aquele transtorno. O fenômeno veio de um caso fortuito. Azar dos cidadãos. Não há o que fazer. Terremotos, maremotos, explosões vulcânicas são desastres que podem ser explicados, mas nem por isso acalmam a dor das vítimas. Se quiserem saber, há casos em que a explicação torna até pior a fatalidade. No entanto, a falta de explicação é ainda mais dolorosa. As vítimas passam os dias no vácuo, querendo um consolo com qualquer coisa que tenha espaço. Eu não. Não quero saber a razão de nada, mas também não acredito em tudo o que me dizem. Continuo vivendo como se Alegria fosse uma sombra, um demônio cujo nome não se pronuncia. Abro aqui uma exceção. Após a narrativa, nunca mais.

Meu casamento acabou como uma grande seca. Um pequeno infortúnio sem razão, desses que acontecem a todo instante. Não fui eu quem deu causa, tampouco ela. Era uma mulher ótima, muito viva, realmente interessante. A sorte é que não tivemos filhos. Facilitou muito o desenlace. Pelo que me lembro, ao conversarmos da última vez, ela retirou tudo o que era dela do apartamento, que foi desalugado no mês seguinte. Ponto. Fim de caso. Não houve drama. Ela chorou, eu não. Se houve amor? É provável. Afinal, cinco anos de casamento não é qualquer coisa. Mas acaba. Não que todos acabem assim, como uma flor que vai murchando num vaso. Alguns casamentos, entretanto, são capazes de

misturar as almas numa mesma bacia. Dizem até que um chega a ficar parecido com o outro. Já ouvi isso de cachorros. Nunca confirmei. Elisa continuou a ser quem era e eu me mantive na minha personalidade. Não via a menor razão em lutar uma guerra vencida. É como eu via o casamento: um fracasso após o enorme esforço. Quando compreendi que seria assim, deixei de me esforçar. Não tenho jeito de Sísifo. Elisa reclamou muito, no início. Depois, entregou-se ao inevitável. Prosseguiu a vida como queria, num grande escritório de advocacia da capital e eu, como de hábito, preferi sumir.

Nos classificados do jornal, vi um emprego bom. *Contrata-se médico. Alto salário. Oito horas de expediente. Vantagens incluídas* – era o que dizia o discreto anúncio. Onde diabos é Alegria? Procurei no mapa. Encontrei, depois de palmilhar o imenso campo verde do centro do país. Havia apenas um pequeno triângulo invertido sobre a cidade, indicando não ultrapassar cinquenta mil habitantes. Deve ter um médico, pelo menos. Eu seria o segundo, talvez o terceiro. Naquele momento da vida, o negócio era bom. Pelo que havia entendido da explicação da assessora do prefeito, o município iria custear uma casa próxima ao posto de saúde, um veículo e as despesas de alimentação. Noutras palavras, o salário ficaria depositado na conta, sem desconto algum. Do meu bolso, iria sair o dinheiro do telefone, porque as chamadas estavam fora do pacote. Tanto melhor. É que sempre fui uma pessoa de poucos amigos e essa característica aparentemente negativa acabou por se tornar uma vantagem em termos financeiros. Ligação só faria

uma ou duas. Decidido, portanto. Telefonei novamente para a menina simpática e disse que estava interessado. Assumiria o posto em trinta dias.

Foi o tempo de me desfazer do resto. Tudo o me atrapalhava: um fogão velho de quatro bocas, uma geladeira seminova, um armário de seis portas, uma cama de molas e dois criados-mudos. Vendi num pregão do centro. Nessas ocasiões é que percebemos o quão pobres somos. Não me incomodei. O dinheiro dava para pagar a passagem aérea para cruzar o país e chegar em Alegria. Pensei noutra possibilidade: ir com meu próprio carro que ainda estava rodando bem, pagar a gasolina da viagem e aproveitar para desanuviar. Cansaço? Bem, é muito natural. Mas o cansaço não é um mal em si mesmo. Serve para dormir melhor, por exemplo. Pelos meus cálculos, eu iria parar de oito em oito horas para dormir nos hotéis de beira de estrada. Dois dias de viagem seriam suficientes para chegar à rodovia federal e, de lá, seguir pela vicinal até meu novo emprego. Parecia-me que uma balsa carregava os veículos de uma ponta à outra do rio. É que Alegria se constitui numa ilha, curiosamente fincada no meio do maior rio da região. Descobri isso ao olhar um mapa maior. Pelos dados do recenseamento mais atualizado, o município contava com dezoito mil habitantes, um posto de saúde, quatro escolas públicas, além da Prefeitura, Câmara com sete vereadores, Chefatura de Polícia e Igreja.

Como previsto, fui de carro. Antes, porém, a despedida. Minha mãe era viúva. Vou embora — falei. Não dei detalhes.

Prometi ligar uma vez por semana. Ela conhecia o próprio filho. Não fez drama. Nem adiantaria uma cena melancólica dessas que o idoso resigna-se em prantos. Minha mãe, como qualquer outra, recomendou que eu me agasalhasse e me deu um prato de comida suficiente para satisfazer dois homens. Lá é quente, mamãe — respondi. Mas deve chover, meu filho — retrucou. Acertou na mosca. Alegria não obedecia às estações convencionais: era quente o ano todo, havendo o armistício das chuvas, tempo de dormir melhor. Ainda assim, nunca de janelas abertas, por causa dos insetos. Antes de se desfazerem as barrigas das nuvens, as formigas pressentiam e se arvoravam pelo ar. Centenas, milhares. Acho que eram formigas, mas não garanto. Não sou biólogo. Poderiam ser cupins; eu nunca soube a diferença, nem me interessei em saber. Na estiagem, calor. Não qualquer calor, mas o mormaço terrivelmente úmido e pesado, resultado da névoa esbranquiçada que descia do morro de calcário além do rio. Para o mineral, desinteressante aos bugres da terra, convergiram imigrantes italianos, fundando uma cidade onde era apenas distrito.

A exploração, porém, não foi longe. As rodas largas dos caminhões atolavam no lamaçal avermelhado que se formava com as chuvas e as balsas não davam conta do peso, na estiagem. Havia mais. A vicinal, uma tímida picada na mata, serpenteava barrosa e irregular, à míngua de asfalto. Não fosse o trânsito magro que por ali amassava o barro, a estrada seria engolida pela floresta que teimava em cicatrizar a ferida que lhe fizeram. Pesando os prós e contras, ninguém ficou rico extraindo pedra. Foi mais um sonho de

fortuna, um Eldorado que minguou diante das imprecações dos carcamanos, como eram chamados os imigrantes.

Uma certa mágoa tensionava a cidade, percebi logo de início. Os pescadores eram caboclos, uma mistura do povo nativo que não tinha em alta conta os estrangeiros. Sentiam-se explorados de algum modo. Nas barrancas do rio, os peixeiros vendiam o resultado das primeiras horas do dia por uma ninharia, enquanto os carcamanos não paravam de construir e prosperar. A cidade basicamente dividia-se como as pessoas que não se misturavam: o norte estava reservado aos casarões que flutuavam pela grama verde; o centro, no qual se concentravam o comércio e as autarquias; o oeste, onde se localizava a mina; a leste, os casebres equilibravam-se nas bordas do rio que, de vez em quando, engolia parte das construções com deslizamentos. Finalmente, o porto ficava ao sul, marcado por uma ponte convexa, em forma de arco-íris de pedra calcária.

Os donos de Pedra Branca fizeram a vida vendendo o material à Prefeitura, que calçou as ruas e o passeio de Alegria; havia também alguns comerciantes vaidosos por construírem as melhores casas com o calcário barato que tinham à mão. Portanto, quem olhasse a cidade de cima de Pedra Branca – nunca tentei, devo dizer – deveria ver uma ilha que ia se transformando num bloco monocromático de pedra calcária. O morro, ao contrário, foi alijado das árvores que o encobriam e desgastado em grandes fatias como um queijo duro na geladeira. No final, tudo compensa. Não se faz uma omelete sem quebrar os ovos – julguei o caso conforme a sabedoria popular. De qualquer modo, não ti-

nha nada com aquilo. Para mim, estava de bom tamanho a pequena casa que o prefeito Frederico Carloni arrumou ao lado do posto. Dois quartos, sala ampla, copa e cozinha, além de varanda e quintal. Era muito para mim. Não havia do que reclamar. Ocupei um dos quartos, mobiliei a sala e a cozinha e vivi conforme o esperado: nenhum gasto superior à bebida que consumia frequentemente no bar do Evaristo, de propriedade do homônimo e de dona Eliane Pontes, uma morena da terra que sabia fazer um bolinho de aipim com queijo que nunca comi igual.

Minha vida era bastante tranquila. Em Alegria, além de mim, havia outros dois médicos, um bastante idoso que vivia sentado no posto de saúde mascando tabaco. Concionamos – eu e Garcia – que iríamos nos revezar no atendimento domiciliar e, nos dias restantes, faríamos o mesmo no posto. O resultado desse acordo foi uma ampla cobertura médica da qual tínhamos orgulho. As crianças que apresentavam doenças tropicais mais simples foram tratadas com a mesma qualidade da capital. Conseguimos prevenir outras pequenas ocorrências sazonais: febres sem origem aparente, diarreias recorrentes, uns poucos casos de cisticercose. Ficamos numa vida mansa de hipertensões e asma, provavelmente resultado do véu branco que enchia os pulmões de quem ainda trabalhava na mina de calcário. No posto – nossa retaguarda, como chamávamos – o velho Gaudêncio pesava as crianças, orientava as mães sobre amamentação e tratava as doenças dos homens, geralmente pescadores acostumados a lidar com o mesmo médico há trinta anos. Durante as chuvas daquele ano, contivemos

dois surtos de malária, isolando os doentes até a recuperação. Convalesceram ali mesmo, em saletas reservadas para cinco doentes e os acompanhantes. Era a nossa capacidade máxima.

A calma mudou no dia 12 de março. A porta da minha casa estremeceu com três ou quatro pancadas vigorosas de Amâncio Garcia, que já vinha vestido de branco antes das sete da manhã. Isso são horas? — reclamei, de calção. Médico não tem esse direito, no entanto. Eu não me acostumava com as vicissitudes da profissão. Levantei-me da cama, vesti a camisa do pijama e fui atender. O que foi? Eu esperava que fosse qualquer coisa relacionada às dores do parto próximo de uma paciente acompanhada pelo colega mais velho. Não é nascimento, doutor. Trata-se do contrário — disse-me Garcia, antes mesmo que eu conseguisse tirar o ferrolho da porta. Morte de quem? — quis saber. De peixe, uma montanha de peixes.

Fiquei decepcionado. Em seguida, irritado: Camarada, médico não é biólogo, repare bem! Não interessa — Garcia respondeu —, o prefeito exige a nossa presença na praia, imediatamente. Manda quem está pagando — fui sem discutir. Quando cheguei à praia, Carlonni estava com os sapatos quase na margem da água, segurando os suspensórios com as mãos. Eu o reconheci de costas, pelo chapéu Panamá. O prefeito fumava um charuto barato, esmagado por entre os dentes pelo nervosismo. A região que servia de porto para o embarque e desembarque das balsas foi contemplada por aquela cena inédita: no rio, flutuavam tantos peixes que pareciam pavimentá-lo de escamas brilhantes, refletindo

o sol da manhã para aumentar o calor do dia. Eram tantos corpos que não se via água. A maioria ainda estava viva, afogando-se no ar, sem qualquer razão aparente. Assim começou o estranho fenômeno em Alegria.

Uma calamidade! — disse o prefeito, ruminando a situação. Podemos aproveitar esses peixes para a população? Ninguém respondeu. Carltoni já sabia que aquela montanha de peixes deveria ser descartada. O que se passou na minha mente era a contaminação. Pode não ser daqui, do esgoto de Alegria, mas um despejo muito maior, rio acima. Talvez até mercúrio — disse em voz alta. Era a melhor explicação que havia até o momento, modéstia à parte. Os pescadores foram remunerados para encher as canoas de peixe, amontoá-los numa praia a leste e atear fogo no cardume condenado. É contagioso, doutor? — perguntou o prefeito. Se isso pega na gente? — respondi com outra pergunta. Sim, pode passar? Cocei a cabeça em dúvida. Tudo o que eu falasse não passaria de chute. Arrisquei assim mesmo: Teremos algum problema em duas hipóteses. No caso de consumo pelos ribeirinhos ou se apodrecerem ao ar livre. É que todas as moscas do mundo serão convocadas para a ceia e aí fica difícil conter algum tipo de contágio na população — era a minha tese. Garcia, no fundo um supersticioso, ficou mudo. Não o condenei, quem sou eu? Sou um sujeito pragmático. Importava-me apenas que ele não se deixasse levar por lendas dos bugres da região. Era um desafio. O rapaz nascera e se criara naquela terra argilosa. Entre eles, diziam à boca

miúda que a mortandade piscosa era uma espécie de aviso, prenúncio de algo que, no fim, seria muito pior.

O trabalho de resgate não cessava. Os pescadores estavam frustrados com o próprio fracasso. Era uma imolação despropositada. Não conseguiam arrastar todos os peixes que continuavam morrendo. E o nosso futuro? — perguntavam-se enquanto enrolavam o tabaco. A morte vinha por atacado, deixando os homens sem saída a não ser usar a tarrafa. Nas redes estendidas entre canoas separadas, puxavam toneladas de matéria orgânica pútrida. O céu empalideceu nos dias seguintes com o misto de poeira e fumaça que subia das fogueiras onde se cremavam as carcaças. Tudo ficou pior em Pedra Branca. A fuligem concentrou-se estranhamente no morro e de lá não saiu, cobrindo o cume branco de uma sombra negra, desde então.

Como uma coisa puxa a outra, as moscas que não demoraram a aparecer fizeram o que sabiam fazer. Plantaram seus ovos nos despojos que boiavam sem resgate. De lá, brotaram larvas e amadureceram moscas cuja razão de vida era colocar mais larvas para nascerem ainda mais moscas. O resultado era sabido. A coceira foi o primeiro sintoma relatado no posto de saúde. A pele dos pescadores foi tomada de brotoejas, sarnas e, nos casos mais graves, furúnculos que antecipavam as febres. O mês de março foi inteiramente perdido. Foram suspensos os acompanhamentos pediátricos, geriátricos e as consultas urológicas do doutor Gaudêncio. Passamos os três a rasgar pústulas inflamadas. Não havia iodo que resolvesse. Prepare-se para o pior — avisei ao prefeito. Ele não hesitou. Bom homem. Pela balsa, chegaram

produtos diferentes do que, até então, estavam acostumados os alegrenses: tecidos, sapatos, brinquedos para crianças e toda a sorte de quinquilharia que cabia num barco médio. A partir de abril, o espaço na embarcação foi contingenciada para ceder lugar aos lotes extras de medicamentos, anti-inflamatórios, analgésicos e anestésicos, além de litros de desinfetante de pinho para as madames, que encomendavam o produto em caixas fechadas.

Passei a ter por hábito dirigir meu carro até uma das praias de Alegria, todos os dias, ao amanhecer. O cenário não mudou, infelizmente. Um clima pesaroso atravessou abril com o sol encoberto pelas partículas que nublavam o céu como uma chuva de papel picado em festa de *réveillon*. A ilha sobrevivia flutuando, indiferente ao morticínio, como escapando da boca de uma enorme sucuri. Vida de ilha é manter o corpo fora da água, como se sabe. Mas de nada adiantava. Estávamos todos secos, porém atolados até o pescoço pelo cheiro dos peixes sufocados, um ar sólido de tão podre. A inquietação infiltrou-se mansamente na corrente sanguínea dos habitantes de Alegria. E medo é como bocejo: quando um começa, o outro passa adiante. Foi assim que o povo começou a rezar e o padre Custódio saiu do conforto da sacristia para trabalhar mais do que os médicos.

Do norte, não se tinha notícia alguma de desastre ambiental. Não era do conhecimento de ninguém garimpo naquele rio, desde a nascente até a ilha. O que gerava mais aflição no povo de Alegria era que o fenômeno da mortandade dos peixes não se estendia nem rio acima, nem rio abaixo. A morte estacionara às margens da cidade, onde as águas

corriam mais mansas, quase parando. Um pescador anônimo observou que, a duas léguas do porto, os peixes nadavam e viviam normalmente, sem nenhum sinal de morte além dos jacarés que engordavam com os bagres, pintados e jaús que se concentravam longe de Alegria. Tirei a prova dos nove: colhi uma amostra de água num garrafão de querosene e levei uma cambada de peixes para o posto de saúde, onde poderíamos examiná-los melhor.

Os peixes não aparentavam nenhum tipo de contaminação, o que seria evidente a olho nu. Retalhei o primeiro com o bisturi. Guelras, pulmões, coração, estômago, nada de mercúrio ou outro elemento estranho. Na lâmina do microscópio usado, eu e Garcia fizemos um a contraprova do outro. Os animais estavam mortos sem motivo aparente. É apenas o começo — agourou o velho Gaudêncio, na certeza de uma explicação transcendental e inalcançável pela Medicina. Não me importei. Cada um expunha suas próprias teorias e eu não chegava a considerar nenhuma delas. A cidade tinha prefeito. Como médico, limitava-me a conter febres, infecções e, mais recentemente, a desnutrição, que passou a afligir indistintamente os alegrenses. O problema era todo ele das autoridades. O povo as constitui para alguma coisa. Salário de político é o olho da cara. Afora as vantagens, penduricalhos, ressarcimentos e uma dezena de abonos e prêmios.

A rigor, de política não entendo nada. Só confio na ciência e, por isso, sou ateu. Recusava-me a acreditar num cataclismo piscoso como punição divina. Mesmo que Deus existisse, haveria muito trabalho neste mundo além de uma pequena

ilha boiando no meio da selva. É certo que há gente pior do que de Alegria para castigar, ocorreu-me na hora. Ademais, por que foram os peixes que pagaram pelos pecados dos homens? Esse pessoal que faz catecismo deveria ensinar que culpa é um artigo que não se empresta, não se vende e nem se dá. Cada um com sua cruz, dizia minha mãe. Por via das dúvidas, o padre Custódio redobrou as penitências aos domingos e inaugurou dois terços marianos durante a semana para que as beatas se sentissem mais seguras no acolhimento da Igreja. Aquilo era completamente inútil, mas não adiantava falar. Antes do amanhecer, estava lá um grupo de terço na mão, suplicando misericórdia. É o fim do mundo! — anunciavam os profetas que sempre aparecem nas praças em ocasiões semelhantes.

Pedi um favor aos pescadores que havia conhecido. Se não fosse trabalho demais, colhessem amostras de água de vários pontos das margens da ilha. E mais: queria de, no mínimo, três profundidades – fio d'água, um e dois metros. O resultado é que o posto encheu-se de pequenas garrafas de querosene de todos os tamanhos cheias de água. Tudo examinado meticulosamente na lâmina do microscópio. Nada. Minha aposta era nas algas. Numa revista inglesa, li certa vez que algumas espécies de alga se reproduzem tão rápido que furtam o oxigênio da água, matando os animais que sobrevivem dela. Mas esse tipo de sufocamento dava-se no mar. Não me lembro se coisa parecida poderia ocorrer num rio. Na terceira noite do plantão de pesquisas, Maurício Miranda viu o que ninguém via e teve a coragem de nos contar a descoberta. O presidente da Associação dos

Pescadores de Alegria nos visitou para informar: Não há nada na nossa água. Está limpa de detritos e, se não fossem os peixes mortos, estaria pura para beber. Aposto a minha canoa que os peixes estão morrendo por querer. Como assim? — Garcia perguntou, abrindo um sorriso cético que só os médicos sabem dar. Os peixes estão se matando — observou Miranda, muito compenetrado.

Elisa queria um cachorro. Dei a ela um peixe. Bicho é bicho. Julguei que o cachorro daria uma enorme mão de obra. Chegávamos à noite em casa. O animal ficaria jogado num canto o dia todo e, quando chegássemos, unharia os donos como todos os cachorros normais costumam fazer. Uma das coisas que minha ex-mulher mais gostava era de usar meia-calça por baixo da saia. Imaginei o estrago que seria feito no guarda-roupa dela. Nada de cachorro — disse comigo mesmo. Dois dias depois, cheguei com um peixe. Era lindo: todo branco, com barbatanas dançantes, rajadas de tons avermelhados. Raça japonesa ou chinesa, asiática enfim. Peixe de luta, coisa de samurai, a vendedora me garantiu. Muito melhor que o cachorro. O peixe não solta pelo. Não precisa sair pra passear. Gostei da vendedora. Foi muito convincente. Fiz em prestações. Valia a pena agradar a esposa.

Elisa olhou o aquário de vidro com descaso. É claro que um peixe não compensa um cachorro, como uma pessoa não deve compensar a outra, mas era o que tínhamos para o momento. Ela acabou se apegando ao peixe. Fiquei sabendo